



FALTA TRABALHO PARA 370 MIL CAPIXABAS

Número representa 17,9% das pessoas em idade produtiva no ES

GUILHERME FERRARI

**Agenda esvaziou**

A manicure e depiladora Luciane Tononi viu sua agenda de trabalho esvaziar. Ela diz que, se antes tinha fila de espera para fazer unha, agora é ela quem tem de aguardar o movimento.

“Antes, passava o dia todo trabalhando. Agora, não chega nem perto disso. Caiu muito o movimento. Tem dia que venho para o salão e não aparece ninguém”

LUCIANE TONONI DE OLIVEIRA
MANICURE E DEPILODORA

GUILHERME FERRARI

**À espera**

Taxista há 12 anos, Noé de Souza, 48, conta que nunca ficou tanto tempo à toa como nos últimos meses. Ele diz que a crise e a chegada do Uber impactaram a demanda por corridas.

“Antes, eu fazia de 20 a 25 corridas por dia; agora são no máximo sete. Além de ficar muito tempo parado, vi minha renda despencar mais de 50%”

NOÉ DE SOUZA
TAXISTA

BEATRIZ SEIXAS
bseixas@redgazeta.com.br

Em todo o Espírito Santo faltou trabalho, no terceiro trimestre deste ano, para quase 370 mil profissionais, o que correspondeu a 17,9% das pessoas em idade produtiva. Na Grande Vitória, esse número é ainda pior: 21,3%.

Os dados formam o que o IBGE chama de taxa de subutilização da força de trabalho, que reúne a taxa de desocupação, a taxa de desemprego por insuficiência de horas trabalhadas e a da força de trabalho potencial.

Esses números, apresentados ontem a partir da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (Pnad) Contínua, são um dos retratos mais dramáticos da severa crise econômica que cada vez mais impõe de-

missões, redução da jornada e falta de perspectivas no mercado profissional.

No país, entre julho e setembro, 22,9 milhões de pessoas estavam nessa condição, ou seja, 21,2% dos brasileiros economicamente ativos deixaram de exercer atividades laborais.

No caso do Espírito Santo, o indicador da subutilização agregou 254 mil pessoas como parte dos desocupados, 48 mil subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e 68 mil pessoas que se enquadram na força de trabalho potencial, que é aquele grupo que não estava trabalhando nem procurando emprego, mas estava disponível para trabalhar.

A coordenadora de Divulgação do IBGE no Espí-

SUBUTILIZADOS

12 mil

profissionais

Foi o número de pessoas que se enquadraram de um trimestre para o outro na taxa de subutilização no Estado.

rito Santo, Renata Coutinho Nunes, explica que esse detalhamento é recente e complementar aos indicadores da Pnad, seguindo as orientações da Organização Internacional do Trabalho (OIT). “O Brasil é pioneiro na América Latina ao trazer esse diagnóstico, que permite entender melhor a situação do mercado de trabalho em todo o país.”

Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Renda do IBGE, complementa outras percepções que a pesquisa proporciona: “A força de trabalho subutilizada que a gente tem hoje vai afetar principalmente as mulheres e os jovens. As mulheres, principalmente por características já conhecidas de dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. Já a população jovem acaba enfrentando barreiras do tipo qualificação, formação e falta de experiência”, acrescentou.

Como parte dessa estatística, e se encaixando entre os 4,8 milhões de brasileiros que estão subocupados por horas, ou seja, aqueles que podem e querem trabalhar mais, mas falta demanda de trabalho, está a manicure e de-

piladora Luciane Tononi de Oliveira.

Ela conta que a procura pelos seus serviços no salão já não é mais a mesma que há um tempo. “Antes, não parava. Trabalhava das 6 da manhã até as 21 horas. Agora, fico por horas de boqueira esperando alguma cliente chegar. Para pagar minhas contas, tenho que buscar outras alternativas como vender salgado, cosméticos e peças íntimas. Mas é triste ter que ficar ociosa.”

Para o economista Orlando Caliman, esse cenário de falta de trabalho tende a continuar enquanto o país não tirar de fato do papel as reformas necessárias para a economia voltar a crescer. Mas ele acredita que no próximo trimestre pode haver algum alívio nos dados em

função do período de vendas de Natal, ciclo que tradicionalmente demanda mais mão de obra.

RENDIMENTO

O rendimento médio habitual dos trabalhadores, que já havia sido anunciado, ficou em R\$ 2.015. Na pesquisa divulgada ontem, o IBGE mostra que tiveram números acima da média as regiões Sudeste (R\$ 2.325), Centro-Oeste (R\$ 2.288) e Sul (R\$ 2.207). Ficaram abaixo da média Norte (R\$ 1.539) e Nordeste (R\$ 1.348).

O Espírito Santo apresentou um rendimento médio mensal de R\$ 1.924, no terceiro trimestre deste ano, R\$ 2 a menos do que foi contabilizado no trimestre anterior (R\$ 1.926).

PAÍS EM CRISE

No Estado, taxa de desemprego bate recorde

Desocupação chegou a 12,7%, o que representa 254 mil pessoas sem emprego

⌘ Juntamente com outros 18 Estados, o Espírito Santo bateu recorde na taxa de desemprego no terceiro trimestre deste ano, ao registrar um índice de 12,7%. Em números absolutos, isso representa 254 mil pessoas sem emprego no Estado. Desde o início da série histórica da Pnad Contínua, em 2012, este é o pior resultado capixaba. No Brasil, a taxa média foi de 11,8%, com um saldo de mais de 12 milhões de desempregados.

Outra constatação negativa foi a posição que o Espírito Santo ocupou nacionalmente: o segundo ente da federação que mais viu avançar seu índice de desocupados nos últimos 12 meses, ao passar de 8,1% no terceiro trimestre de 2015 para 12,7% em igual período deste ano, ou seja, uma elevação de 4,6 pontos percentuais. Somente em Sergipe a taxa cresceu mais, com alta de 5,6 pontos percentuais.

O fechamento de postos de trabalho no último ano representou um aumento de cerca de 92 mil de desempregados, motivados principalmente por dois fatores,

segundo elencou o economista e diretor do Instituto Futura, Orlando Caliman.

“Para além da crise econômica, o Espírito Santo vem sofrendo com a paralisação da Samarco, que responde por 6% do PIB capixaba. A interrupção das atividades fechou tanto vagas diretas quanto indiretas nas empresas prestadoras de serviços. Outro fenômeno é a crise hídrica. A seca afetou fortemente a agricultura, trazendo reflexos ainda mais significativos para o interior do Estado, onde muitos postos de trabalho foram fechados e o dinheiro deixou de circular.”



Carteira de trabalho: desemprego avançou 4,6 pontos percentuais em um ano

OPINIÃO DA GAZETA

A economia e a política

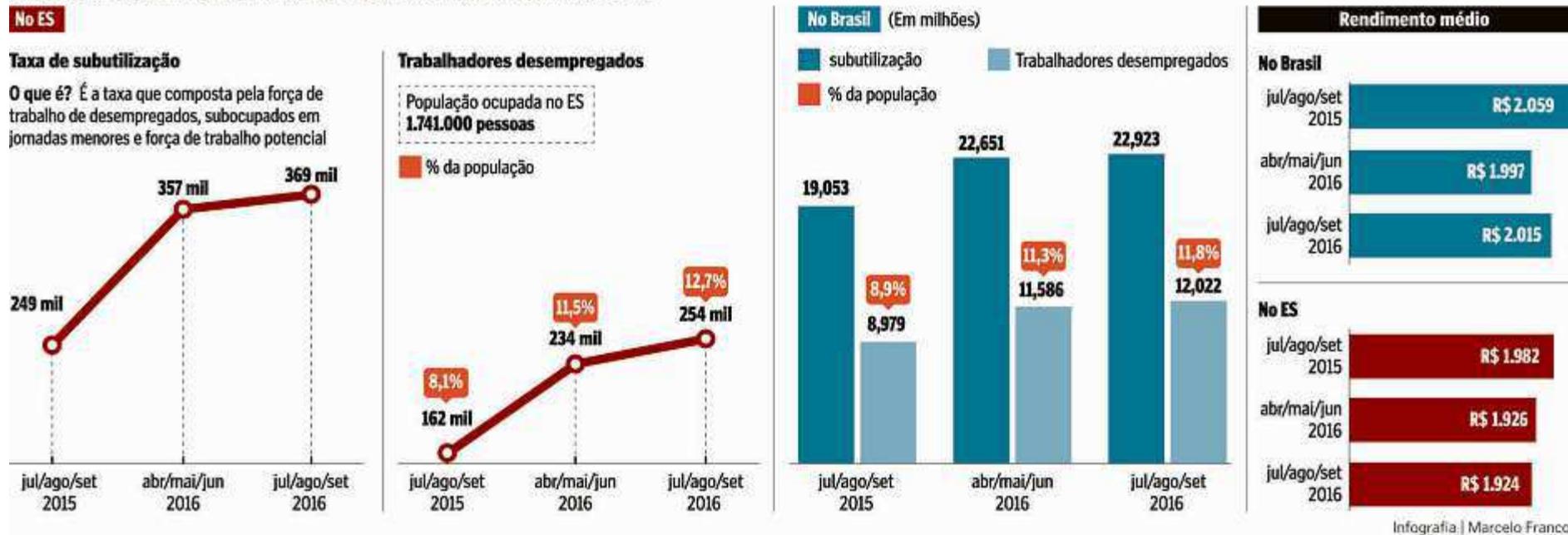
⌘ Na esperança de injetar confiança num país abalado pela recessão, Michel Temer apostou alto na credibilidade de sua equipe econômica. Mas a excelência dessa equipe contrasta com o desempenho do governo na política e na

comunicação com a sociedade. O Planalto tem sido errático na condução das reformas. Propostas de novas regras para a aposentadoria saem em pílulas. O ensino médio está sendo modificado por medida provisória. O ministro

Geddel Vieira Lima abusa do cargo para tratar de assunto pessoal. Todo esse ruído indica falta de rumo claro para melhorar a educação e promover o ajuste fiscal, a volta do crescimento econômico e da criação de empregos, que é o que interessa a todos.

OS NÚMEROS

DADOS COMPARATIVOS COM O TRIMESTRE ANTERIOR E O MESMO PERÍODO DE 2015



Agricultura fecha 27 mil postos de trabalho

⌘ O detalhamento dos dados da Pnad contínua, do IBGE, revela que a agricultura e a pecuária capixaba foi o setor que mais perdeu postos de trabalho no terceiro trimestre de 2016.

Entre os meses de julho, agosto e setembro, foram fechados 27 mil vagas ante o trimestre anterior (abril, maio e junho). Ou seja: o número de trabalhadores empregados no setor caiu de 276 mil para 249 mil. A

queda foi de 9,9%.

Na indústria capixaba, foram eliminados 8 mil postos de trabalho, caindo de 197 mil para 191 mil o número de empregados no trimestre, uma redução de 3,2%. A construção civil também mostrou sinais de fraqueza ao demitir 7 mil trabalhadores – queda de 4,6% – no mesmo período: são 134 mil trabalhadores contra 141 mil anteriormente.

No comércio, foram fechadas 9 mil vagas (de 334 mil para 325 mil), uma re-

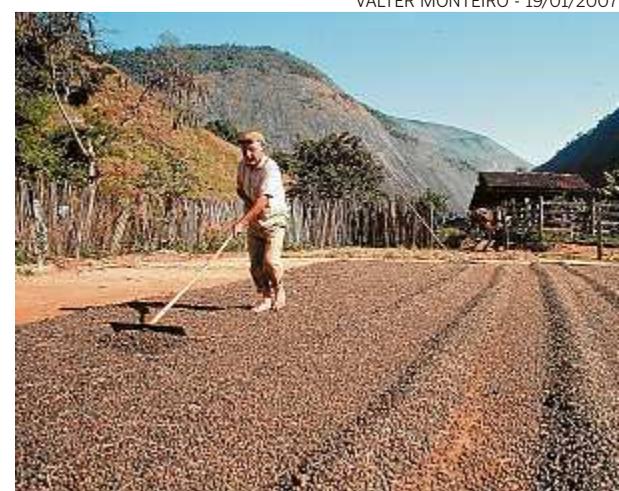
RETRAÇÃO

8 mil
vagas

Foram fechadas apenas no setor de construção civil no 3º trimestre de 2016.

tração de 2,6%.

Por outro lado, dois setores tiveram um fôlego no terceiro trimestre de 2016 e conseguiram contratar mais do que demitir. No setor de transportes e correios, foram mil vagas a mais (aumento de 0,5%). Já no setor de alojamento e alimentação, o crescimento foi de 6 mil postos de trabalho, ou incremento de 6,3% no período.



Trabalho no campo: queda no emprego foi de 9,9%